



Depois de quatro anos de progressos dos EUA nos esforços para lidar com as alterações climáticas sob Joe Biden, o regresso de Donald Trump à Casa Branca está a balançar rapidamente o pêndulo na direcção oposta.

No seu primeiro dia de regresso, Trump declarou uma emergência energética nacional, ordenando às agências que usassem quaisquer poderes de emergência disponíveis para aumentar a produção de petróleo e gás, apesar da produção de petróleo e gás dos EUA já estar perto de níveis recordes e liderar o mundo. Ele revogou as ordens de Biden que retiraram grandes áreas do Ártico e da costa dos EUA do arrendamento de petróleo e gás natural. Entre várias outras ordens executivas que visam as políticas pró-clima de Biden, Trump também iniciou o processo de retirada dos EUA do acordo climático internacional de Paris - uma repetição de uma medida que ele fez em 2017, que Biden reverteu.

Nenhuma das medidas de Trump para marginalizar as alterações climáticas como uma importante questão de política interna e externa deveria ser uma surpresa.

Durante o seu primeiro mandato como presidente, 2017-2021, Trump revogou o Plano de Energia Limpa da era Obama para reduzir as emissões das centrais eléctricas, alegou falsamente que as turbinas eólicas causam cancro e prometeu “acabar com a guerra ao carvão” e aumentar a energia altamente poluente. fonte. Certa vez, ele declarou que as mudanças climáticas eram uma farsa perpetuada pela [China](#).

Desde que foi novamente eleito em Novembro, Trump escolheu novamente membros do Gabinete que apoiam a indústria dos combustíveis fósseis.

Mas é importante lembrar que, embora Donald Trump cante o canção do Partido Republicano quando se trata de alterações climáticas, a música foi escrita muito antes de ele aparecer.

O que você vai ler:



- [Dinheiro, mentiras e lobby](#)
- [Política partidária e a psicologia do pertencimento](#)
- [Para onde vamos daqui?](#)

## **Dinheiro, mentiras e lobby**

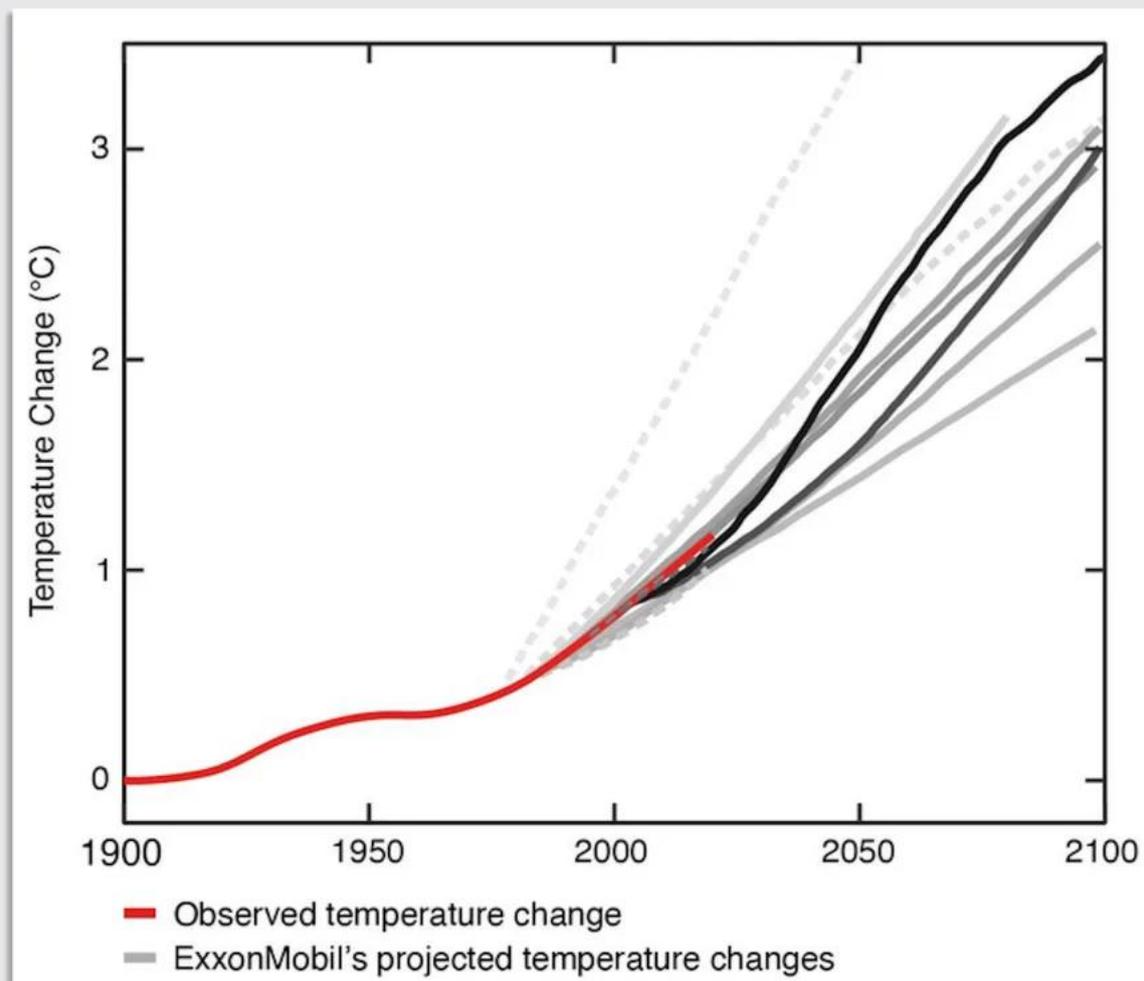
Em 1979, começou a emergir o consenso científico de que as alterações climáticas representavam uma ameaça significativa para o ambiente, a economia e a sociedade, tal como as vínhamos a apreciar.



O Grupo de Estudo Ad Hoc sobre Dióxido de Carbono e Clima, encomendado pelo conselho de investigação climática do Conselho Nacional de Investigação dos EUA, concluiu então que se o dióxido de carbono continuasse a acumular-se na atmosfera, “não havia razão para duvidar de que ocorreriam alterações climáticas”. Desde então, a concentração de dióxido de carbono na atmosfera aumentou cerca de 25% e as temperaturas aumentaram com ela.

O [relatório](#) concluiu também que as alterações no uso dos solos e a queima de combustíveis fósseis, que poderiam estar sujeitas a regulamentação, estavam por detrás das alterações climáticas e que uma “política de esperar para ver pode significar esperar até que seja tarde demais”.

Mas nada disto foi uma surpresa para a indústria petrolífera. Trabalhando nos bastidores desde a década de 1950, investigadores que trabalharam para empresas como a Exxon, a Shell e a Chevron alertaram os seus líderes para o facto de a utilização generalizada dos seus produtos já estar a causar alterações climáticas. E coincidindo com o trabalho do Grupo de Estudos Ad Hoc no final da década de 1970, as empresas petrolíferas começaram a fazer grandes doações a candidatos e políticos nacionais e estaduais que consideravam favoráveis aos interesses da indústria.



Um resumo de todas as projeções do aquecimento global relatadas pelos cientistas da ExxonMobil em documentos internos e publicações revisadas por pares, de 1977 a 2003, sobrepostas às mudanças de temperatura observadas (vermelho). Linhas cinza sólidas indicam projeções de aquecimento global modeladas por cientistas da ExxonMobil; as linhas cinzas tracejadas são projeções compartilhadas por cientistas da ExxonMobil de outras fontes. Tons de cinza refletem as datas de início: o mais antigo (1977) é o mais claro; o mais recente (2003) é o mais sombrio. (Imagem: Geoffrey Supran/cortesia do autor)

A indústria petrolífera também implementou uma campanha de desinformação destinada a lançar dúvidas sobre a ciência climática e, em muitos casos, sobre a sua própria investigação interna. A estratégia, retirada das páginas do manual da indústria do tabaco, envolvia “ênfatisar a incerteza” para lançar dúvidas sobre a ciência e apelar a uma ciência “equilibrada” para semear confusão.

Esta estratégia foi ajudada pela criação e pelo apoio financeiro de organizações de lobby como o Competitive Enterprise Institute e a Global Climate Coalition, que desempenharam



papéis centrais na propagação de falsidades e no lançamento de dúvidas sobre o consenso científico sobre as alterações climáticas.

Em 1997, quando 84 países assinaram o Protocolo de Quioto para reduzir as emissões globais de gases com efeito de estufa, a indústria petrolífera tinha construído um aparelho eficaz para desacreditar activamente a ciência climática e opor-se a políticas e acções que poderiam ajudar a abrandar as alterações climáticas. Assim, embora o Presidente Bill Clinton tenha assinado o tratado em 1998, o Congresso dos Estados Unidos recusou-se a ratificá-lo.

## **Política partidária e a psicologia do pertencimento**

A experiência do Protocolo de Quioto demonstrou que as táticas de lobbying e de desinformação utilizadas pelas empresas petrolíferas para desacreditar a ciência climática poderiam, por si só, ser altamente eficazes. Mas só eles não transformaram as alterações climáticas de uma questão científica para uma questão de política partidária. Ainda faltavam dois ingredientes adicionais para completar a transição.

A primeira delas ocorreu durante a campanha eleitoral de 2000. Na altura, a cobertura das principais redes de notícias convergiu para a divisão do país em estados vermelhos, que se inclinam para a direita, e estados azuis, que se inclinam para a esquerda.

Esta mudança, embora aparentemente inócua na altura, tornou a política ainda menos centrada em questões individuais e mais parecida com um desporto de equipa.

Em vez de pedir às pessoas que construam as suas preferências de voto com base numa vasta gama de questões – desde o aborto e o direito às armas até à imigração e às alterações climáticas – os votos poderiam ser conquistados lembrando e reforçando aos eleitores qual a equipa pela qual deveriam torcer: os republicanos ou os democratas.

Esta mudança também tornou mais fácil para a indústria dos combustíveis fósseis manter as alterações climáticas fora das agendas políticas estaduais e federais. As empresas petrolíferas poderiam concentrar o seu dinheiro, lobby e desinformação nos estados controlados pelos republicanos e nos estados indecisos, onde isso faria a maior diferença. Não deveria surpreender ninguém, por exemplo, que tenha sido um senador estadual vermelho, James Inhofe, de Oklahoma, quem trouxe uma bola de neve ao plenário do Senado em Fevereiro de 2015 para “provar” que o planeta não estava a aquecer.

O ingrediente final tinha tudo a ver com a natureza humana. Com base na analogia de uma rivalidade no desporto, a dinâmica do estado vermelho versus azul aproveitou as forças psicológicas e sociais que moldam o nosso sentido de pertença e identidade.

Pressões sociais sutis, mas poderosas, dentro dos grupos podem tornar mais difícil para as pessoas aceitarem ideias, evidências e argumentos de pessoas de fora do grupo. Da mesma



forma, estas pressões dentro do grupo levam a um tratamento preferencial para os membros que estão alinhados com as perspectivas do grupo, até e incluindo a colocação de maior confiança naqueles que parecem representar os interesses colectivos do grupo.

As pressões dentro do grupo também criam sentimentos de pertença mais fortes entre aqueles que se conformam com as normas internas do grupo, tais como quais as posições políticas a apoiar. Por sua vez, sentimentos de pertencimento mais fortes servem para reforçar ainda mais as normas.

## **Para onde vamos daqui?**

Opor-se ou apoiar ações contra as alterações climáticas tornou-se parte da identidade cultural de milhões de americanos.

No entanto, redobrar a aposta nas políticas climáticas que estão em sintonia com as nossas próprias tendências políticas servirá apenas para reforçar a divisão.

Uma solução mais eficaz seria deixar de lado as diferenças políticas e investir na construção de coligações em todo o espectro político. Isso começa por se concentrar em valores partilhados, como manter as crianças saudáveis e as comunidades seguras. Na sequência dos incêndios devastadores na minha cidade, Los Angeles, estes valores partilhados ascenderam ao topo da agenda política local, independentemente de quem eu e os meus vizinhos votássemos. É claro para todos nós que as consequências das alterações climáticas estão muito presentes no aqui e agora.

Os desastres naturais nos EUA também trouxeram os riscos das alterações climáticas para muitas pessoas em todo o país. Isto, por sua vez, levou a uma acção bipartidária sobre as alterações climáticas a nível local e regional, e entre o governo e o sector privado.

A Aliança Climática dos EUA, uma coligação de 24 governadores de ambos os partidos que estão a trabalhar para avançar nos esforços para abrandar as alterações climáticas, é um exemplo. Outro exemplo são as muitas empresas dos EUA com ligações ao governo que participam na First Movers Coalition, que visa reduzir as emissões de gases com efeito de estufa de indústrias que se revelaram difíceis de descarbonizar, como a siderúrgica, os transportes e o transporte marítimo.

Mas, infelizmente para a acção climática, exemplos como estes ainda são uma excepção e não a norma. E isto é um problema porque o actual desafio climático é muito maior do que uma única cidade, estado ou mesmo país. O ano passado, 2024, foi o mais quente já registado. Muitas partes do mundo experimentaram ondas de calor e tempestades extremas.

No entanto, todo movimento tem que começar em algum lugar. Continuar a eliminar as barreiras partidárias que separam os americanos no que diz respeito às alterações



climáticas exigirá ainda mais construção de coligações que dêem o exemplo, sendo ambiciosas, produtivas e visíveis.

Com a nova administração Trump preparada para visar os recentes progressos alcançados em matéria de alterações climáticas, ao mesmo tempo que prepara acções executivas que aumentarão as emissões de gases com efeito de estufa, não há melhor altura para este trabalho do que a actual.

*Joe Árvai é diretor do Instituto Wrigley para Meio Ambiente e [Sustentabilidade](#) e professor de psicologia, ciências biológicas e estudos ambientais na Faculdade de Letras, Artes e Ciências da USC Dornsife..*

*Este artigo foi republicado de [The Conversation](#) sob uma licença Creative Commons. Leia o artigo original.*